

A POLÊMICA ENTRE CECILIO BÁEZ E JUAN O’LEARY E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTORIOGRAFIA PARAGUAIA

Silvânia de Queiróz

Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo-RS

E-mail: silhistoria04@hotmail.com

Resumo: O artigo trata sobre a polêmica entre dois importantes intelectuais paraguaios, Cecilio Báez e Juan Emiliano O’Leary. Membros da chamada geração dos Novecentos, esses intelectuais protagonizaram uma polêmica sobre a história e a historiografia paraguaia. A partir de julho de 1902, Cecilio Báez apresentou 25 artigos, no jornal *El Cívico*, de Asunción, publicados no livro *La tiranía en el Paraguay* e Juan O’Leary publicou 37 artigos no diário *La Pátria*, sobre título geral de *El cretinismo paraguayo*. Objetivo do artigo é identificar as principais visões de cada autor, apontando diferenças e semelhanças, o contexto de produção da polêmica e qual a repercussão para a historiografia paraguaia.

Palavras-chaves: historiografia, Paraguai, Cecilio Báez e Juan O’Leary.

Abstract: The article discusses the controversy between two important Paraguayans intellectuals, Cecilio Báez and Juan Emiliano O’Leary. Members of the so-called Generation of the twentieth century, these intellectuals staged a controversy about the history and the Paraguayan historiography. From July 1902, Cecilio Báez presented 25 articles in the newspaper *El Cívico*, from Asunción, published in the book *La tyranny en el Paraguay* and Juan O’Leary has published 37 articles in the daily *La Patria*, under the general heading of *El cretinism Paraguay*. Article’s goal is to identify the main views of each author, pointing similarities and differences and, the context of the controversy of the production and what the repercussions for the Paraguayan historiography.

Keywords: historiography, Paraguay, Cecilio Báez and Juan O’Leary.

Introdução

Após a Guerra da Tríplice Aliança, a República do Paraguai [1864-70] saiu destruída e o poder encontrou-se nas mãos das forças vencedoras aliancistas, apoiadas pelos legionários, paraguaios que combateram contra seu país. Após a guerra, as representações historiográficas culturais dos vencedores sobre o conflito se tornaram hegemônica no Paraguai. Elas não impediram a existência de visões destoantes sobre a história paraguaia, em geral, e a guerra, em particular.

Após a derrota, a sociedade paraguaia encontrava-se desestruturada, com pequenos grupos sobretudo de mulheres, de crianças e de idosos espalhados pelos campos, em geral sem casa, sem escola, sem atendimento médico, sem condições de trabalho. A falta dos homens, de animais, de meios de transporte, etc. levou a uma queda drástica da produção agrícola. Enorme parte dos exércitos paraguaios fora formada por chacareiros, que morreram em grande quantidade, combatendo. A seguir, em 1883, as terras públicas paraguaias foram privatizadas, pondo fim à autonomia ou expulsando das mesmas grande número de seus ocupantes. A comunidade chacarera, espinha dorsal da sociedade paraguaia, fora golpeada mortalmente.¹

Não temos ainda dados precisos sobre a queda da população motivada direta e indiretamente pela guerra e suas sequelas imediatas. Os autores mais extremados, como

¹Cf. MAESTRI, Mário. *Paraguai: a república camponesa*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014. 322 pp.; PASTORE Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. 3 ed. Asunción: Intercontinental, 2008. p. 217 et seq.

o historiador estadunidense Harry Gaylord Warren, propõe que o país chegou a perder 70 % de sua população, tendo dificuldades para enfrentar os problemas políticos, econômicos e sociais surgidos no pós-guerra. Para ele, apenas a rivalidade entre a República da Argentina e o Império do Brasil teria contribuído para a não anexação do Paraguai.²

No início do século 20, o modelo adotado pelas classes dominantes paraguaias que herdaram o país após a guerra da Tríplice Aliança mostrara sua improcedência. Ou seja, o desenvolvimento do país apoiado na imigração e em capitais estrangeiros fracassara redondamente, mesmo para aqueles que o impulsionavam. Esse modelo propunha o repovoamento do Paraguai com imigrantes, que substituíssem os “atrasados” indígenas e, assim, aumentaria a produção agrícola mercantil, *modernizando* o país. Tratava-se de por fim à base camponesa [chacarera] e autossuficiente do país, avançando a exploração mercantil da mão-de-obra rural. Entretanto, nada disso ocorreu. Em 1894, em comparação com o pré-guerra, apenas 50% das terras estavam cultivadas.³ Em boa parte, não se tratava de falta de braços, mas de braços expulsos das terras que haviam ocupado e explorado, obrigados, não raro, a imigrar em busca de trabalho, no país e no exterior.

O Estado paraguaio seguiu pagando os empréstimos e a dívida de guerra graças à receita gerada pelos impostos e pela privatização das terras públicas que pesaram fortemente sobre a população e desorganizavam a produção. O país era sangrado pela exportação de capitais. Os principais produtos continuavam sendo a erva mate e o tabaco. Solidificara-se situação semi-colonial do país, que contara com elevado grau de autonomia nas Américas. No contexto de forte corrupção, conforme o Estado aumentava os impostos, aumentava o contrabando.

Após 1883, como assinalado, ocorreu maciça venda de terras públicas (16 milhões de hectares) e ervais; a criação de vários bancos; a concentração das terras nas mãos das classes mais ricas e, sobretudo, de proprietários estrangeiros, com a exclusão dos exploradores diretos [chacareros]. Pôs-se fim ao tradicional fácil acesso da terra pelos chacareros, impulsionado no período francistas e mantido relativamente quando do lopizmo. A distribuição de terras tornou-se brutalmente desigual. Por falta de meio de comunicação, de transporte e de mão de obra, a terra era utilizada sobretudo na produção ganadeira.

De acordo com a historiadora argentina Liliana Brezzo:

El grupo superior, que representaba menos del 10% de la población total, recibía casi el 50 % del ingreso interno, mientras que el 60% de la población, que integraba el estrato de bajos recursos, recibía solo aproximadamente el 15% del ingreso nacional.⁴

No início do século 20, como resultado da guerra, o Paraguai se caracterizava pelo contrabando, pela corrupção, pela concentração das terras, pela exploração das camadas populares, por grande desigualdade social, pela exploração da população e do

² Cf. WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay y la Tríplice Alianza* La Década de pós-guerra 1869-1878. Asunción: Editora Intercontinental, 2009. 346 pp.

³ BREZZO, Liliana in YEGROS, Ricardo Scavone e YEGROS, Sebastian Scavone. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary: polémica sobre la historia del Paraguay*. Asunción: Tiempo de Historia, 2011. p. 15.

⁴ BREZZO, L. En e mundo de Ariadna y Penélope: hilos, tejidos y urdimentos del nacimiento de la historia en el Paraguay. YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p.17,

Estado pelos bancos e por uma crise financeira. Fora o resultado da via liberal imposta a ferro e fogo ao país pelas duas grandes nações e abraçada, a seguir, não apenas pelos extratos legionários.

No país, então, existiam dois grandes partidos: o *colorado* e o *liberal*. Nesse difícil contexto político e econômico, enquanto vigia forte discussão sobre os responsáveis pela situação do país e sobre qual o modelo de desenvolvimento o Paraguai devia adotar, a discussão sobre a história paraguaia tomou força e ganhou vida a polêmica entre dois intelectuais paraguaios paradigmáticos, Cecilio Báez e Juan Emiliano O’Leary.

Os Intelectuais e a escrita da história paraguaia

Mesmo antes da guerra já existia no Paraguai uma *elite* intelectual, apenas em parte formada por estrangeiros estabelecidos no país, que refletiram e escreveram sobre o Paraguai, em forma direta ou indireta; Entre esses intelectuais pré-guerra, podemos destacar Alfred Demersay, Carlos Antonio López, J.R.Rengger, Manuel Pedro de Peña, Mariano Antonio Molas, Juan André Gelly, Francisco Wisner, entre tantos outros. No pós-guerra, se destacou a chamada geração dos *Novecentos*, que foi uma das mais importantes *promoções* de intelectuais do país, um dos primeiros grupos de pensadores que se dedicaram, com grande destaque, ao estudo da cultura e da história paraguaia.

Na geração dos Novecentos, destacaram-se Blas Garay (1873-1899); Juan O’Leary (1879-1969); Manuel Domínguez (1868-1935); Fulgencio Moreno (1872-1933); Arsenio López Decoud (1867-1945); Ignacio Pane (1879-1920); Eligio Ayala (1879-1930) e Manuel Gondra (1871-1927).⁵ Nesse grupo, os mais velhos eram Cecilio Báez (1862-1941), Gregorio Benites (1834-1909), José Segundo Decoud (1848-1909) e Juan Silvano Godoy (1850-1926). José Segundo Decoud opusera-se ao regime dos López e apoiara as forças legionárias, desenvolvendo forte atividade política após o fim do conflito.

Em 26 de junho de 1895, foi criado o *Instituto Paraguayo*, um espaço das *elites*, para as *elites*, dedicado à cultura, onde se estudava música, literatura, idiomas estrangeiros, estimulando-se a prática de exercícios físicos e o estudo da história. Em outubro de 1896, surgiu a revista **História, Ciências e Letras**, com o objetivo de difundir os conhecimentos científicos.⁶

Parte dos membros da geração dos Novecentos, como Cecilio Báez e Juan O’Leary, pode ser definida como *pré-historiadores*, considerando-se que produziram interpretações sobre o passado sem praticarem uma historiografia científica. Ou seja, não seguiam os métodos e as técnicas específicos que já se impunham na época para a prática historiográfica. Eles tiveram, porém um papel fundamental no estudo e análise da história paraguaia.

Os autores

Cecilio Báez foi um importante e renomado intelectual paraguaio. Ele nasceu 1º de fevereiro de 1862, em Assunção. Era filho de Nicolás Báez e Faustina Gonzáles. Em 1882, se formou em Direito no Colégio Nacional da capital e, em 1893, recebe o diploma de doutor em Direito e Ciências Sociais pela Universidade Nacional de Assunção. Além de advogado, atuou como professor de História e Sociologia na Universidade Nacional de Assunção, exercendo intensa atividade jornalística. Foi um

⁵ BREZZO, L. in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 20

⁶ Id. ib. p. 21

dos líderes do partido Liberal, chegando a ocupar o cargo de presidente provisório do Paraguai, em 1905-1906.⁷

Cecilio Báez publicou inúmeros textos, ainda quando estudante. Em 1888, escreveu o artigo revisionista *El Dictador Francia* onde apresentava José Gaspar Rodrigues de Francia (1766-1840) como fundador da nacionalidade paraguaia, apesar de o criticar como cruel e vingativo. O que era geral naquele então. Mais tarde, em 1910, publicou o livro *El Dr. Francia: ensayo sobre la dictadura en Sudamérica*.⁸ Retomando as teses liberais, defendeu que o isolamento trouxera pobreza e a ruína ao povo paraguaio. Báez define a era de Francia como a Idade Média paraguaia. Ou seja, um tempo de trevas e atraso.⁹

Cecilio Báez, importante e renomado intelectual paraguaio, possuía concepções político-ideológicas conversadoras, de cunho liberal e teria sofrido influência do positivismo comtiano. Podemos dizer que, no pós-guerra, o revisionismo histórico no Paraguai, ou seja, a crítica à visão sobre o passado e o conflito produzida no Prata, pelos ideólogos liberal-unitários, nasceu no seio do quadro intelectual e político das classes dominantes liberais. Que abandonaram, logo, essas posições.¹⁰ Durante a polêmica em questão, Cecilio Báez apresentou 25 artigos, publicados no livro *La tiranía en el Paraguay*.¹¹

Juan Emiliano O’Leary Costa y Urdapilleta Carísimo nasceu em 12 de junho de 1879. Sua mãe era Dolores Urdapilleta Carísimo, paraguaia, filha de prócer da independência, viúva, descendente das classes dominantes crioulas. Ela fora perseguida durante o governo de Solano López. Seu pai, Juan O’Leary, argentino, também viúvo, chegara ao Paraguai nos anos finais da Guerra Grande e se casara com sua mãe. Ou seja, ela se casara com o *inimigo*.¹²

Juan O’Leary ingressou no *Colégio de Niños de Encarnación*, com seis anos, cursou o Instituto Paraguaio e finalizou seus estudos secundários no Colégio Nacional de Assunção em 1897, graduando-se como bacharel em Ciências e Letras. Em Buenos Aires, iniciou, sem concluir, estudos em Direito e Ciências Sociais, devido à morte de seu pai. Casou-se em 1902, aos 20 anos. Sem concluir um curso superior, dedicou-se por muitos anos ao periodismo e ao magistério.¹³

Durante a polêmica Juan O’Leary publicou, no diário *La Pátria*, 37 artigos sobre título geral de *El cretinismo paraguaio*.

Antecedentes da polêmica

Juan Emiliano O’Leary ingressou na redação do diário *La Patria*, de Enrique Solano López (1858-1917), filho do *mariscal* com a irlandesa Elisa Alicia Lynch. A

⁷ Cf. Diccionario Biográfico; Forjadores del Paraguay. Editora Aramí. Site:

http://www.mec.gov.py/cms_v2/recursos/5812-cecilio-baez

⁸ BAEZ, Cecilio. *El Dr. Francia: ensayo sobre la dictadura en Sudamérica* 2 ed. Asunción: Cromos Mediterraneo, 1985.

⁹ YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 28-29.

¹⁰ MAESTRI, Mário. Guerra contra o Paraguai: história e historiografia. MAESTRI, Mário. *Guerra no Papel: história e historiografia da guerra no Paraguai*. Porto Alegre, FCM, 2014. p. 255.

¹¹ BAEZ, Cecilio. *La tiranía en el Paraguay: sus causas, caracteres y resultados*. Colección de artículos publicados en “El Civico”. Asunción: El País, 1903. 291 p.

¹² Cf. Portal Guarani. Site: http://www.portalguarani.com/500_juan_emiliano_oleary.html

¹³ MAESTRI, M. Guerra contra o Paraguai: história e historiografia. MAESTRI, M. *A guerra no papel*. Ob. cit. p. 262.

partir de maio de 1902, publicou uma série de textos sobre a Guerra da Tríplice Aliança, sob o título *Recuerdos de gloria*, sob pseudônimo de Pompeyo Gonzáles. Nesses seus primeiros escritos de índole histórica, exaltou o grande esforço dos heróis paraguaios contra a Tríplice Aliança, que “dormiam” praticamente esquecidos pela pátria, depois de terere escrito com sangue a epopeia daquela defesa sobre-humana.¹⁴ Enquanto publicava esses artigos, o doutor Cecilio Báez retornou ao Paraguai, após uma conferência internacional no México, sendo saudado, em homenagem pública, em nome da juventude paraguaia, por Juan O’Leary.¹⁵

Em julho de 1902, Cecilio Báez iniciou a publicação no jornal *El Cívico*, de Asunción, a série intitulada *Estudios Económicos*, onde questionou indiretamente as ideias de Juan O’Leary. Ele afirmou que a pobreza do Paraguai era culpa dos tiranos do passado e criticou a juventude paraguaia. Ou seja, absolvía a Tríplice Aliança, na situação de então do país, da responsabilidade pela guerra. Em resposta, O’Leary publicou texto questionando Cecilio Báez sobre o modo como tratara a juventude paraguaia. A mesma juventude que o recebera e que o admirava, segundo ele. Questionou, também, a mudança de pensamento de Cecilio Báez em relação à Argentina, quanto à Guerra Grande, após sua viagem.

O’Leary comentou que, no passado, lera e agitara-se com um texto de Cecilio Báez sobre a Argentina e sobre a necessidade do povo paraguaio não se deixar dominar. Questionou como aquele autor mudara de ideia e se aproximara dos interesses da Argentina. “El doctor Báez se há calmado con los años, que para algunos son nieve que cuaja sobre el corazón. Él nos enseñó a protestar contra las infamias infinitas de los inmoladores del Paraguay.”¹⁶

Juan O’Leary afirmou que uma geração da juventude paraguaia, assim como ele, fora “aluna” de Cecilio Báez e lamentou, portanto, que ele tivesse mudado de opinião sobre a Argentina. Propôs que a juventude não mudou e não o imitaria. Não seria “el perro, lambiendo las manos del que os há herido”.¹⁷

Ainda em 28 de julho de 1902, Cecilio Báez escreveu outro artigo, com o mesmo título que o anterior, referindo-se ao contexto político paraguaio do início do século 20, dominado pelos colorados/caudilhos, marcados pela corrupção e nepotismo. Em 17 de outubro, publicou o artigo “Optimismo y pobreza las ganancias de los bancos: males y remedios”, onde criticou a imprensa, a ganância dos bancos, a corrupção do governo, denunciando o secular despotismo e, finalmente, proferiu a sua polêmica frase sobre o *cretinismo* do povo paraguaio: “[...] que aquí el pueblo sigue siendo semejante a un cretino, a un ser sin voluntad ni discernimiento.”¹⁸

A partir de então, enfuriou a polêmica entre Cecilio Báez e Juan O’Leary, que se estendeu de julho de 1902 a fevereiro de 1903. Ela seria um divisor de águas não apenas sobre as interpretações gerais, mas sobre a Guerra Grande.

Principais ideias de Cecilio Báez

¹⁴ BREZZO, L. in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 27-28.

¹⁵ YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 69.

¹⁶ O’LEARY, Juan in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p.78.

¹⁷ Id. ib. p. 78.

¹⁸ Id. ib. p. 106.

Em seus primeiros artigos, publicados pelo jornal *El Cívico*, Cecilio Báez dedicou-se à educação como tema central. Entre suas teses principais, afirmou que o Paraguai era um dos Estados mais atrasado da América do Sul devido à tirania dos seus governos e à falta de acesso à educação. Segundo ele, desde o início da colonização, Domingo Martínez de Irala (1509-1556) tentara fundar escolas, que fracassaram após sua morte. Seus sucessores, mais interessados em construir fortunas, abandonaram qualquer projeto de educação popular. Uma real cédula de Felipe V ordenara o ensino do castelhano, mas nunca fora cumprida.¹⁹ Nesse então, havia consenso sobre a necessidade de superar o guarani, visto como uma das causas-registros do atraso paraguaio.

Mesmo nas missões jesuítas, as escolas teriam existido com um número limitado de alunos. Somente alguns meninos, em geral filhos dos caciques e os jovens mais destacados, destinados ao serviço do culto e à administração, aprendiam a ler e escrever em guarani e a contar. Liam em latim e castelhano, mas sem entender. De acordo com Cecilio Báez: “De esta suerte el guarani ha llegado a ser la lengua generalmente hablada en el país, y se sustraía el pueblo a la comunión de los pueblos civilizados, preparando el sistema de aislamiento del doctor Francia.”²⁰ Após a guerra, a língua guarani chegara a ser proibida, tida como uma das responsáveis pelo *atraso* do país. Era clara a equação: guarani/atraso; espanhol/progresso.

Segundo a visão de Cecilio Báez, desde os primeiros anos de Independência, a escola nunca fora prioridade. Durante o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), haveria pouquíssimas escolas, que permaneceram em completo abandono. Na época de Carlos Antonio López (1844-1862), havia o Colégio Ildefonso Bermejo, que recebia poucos alunos e o ensino era de má qualidade. Já Solano López (1862-1870) teria feito menos ainda. Ainda segundo as escolas, Alfred Demersay (1815-1891) teria afirmado que a instrução pública e os professores recebiam um subsídio insignificante e que a instrução primária era uma miséria, dirigidas por quase analfabetos.²¹ Uma realidade que não correspondia, minimamente, à verdade dos fatos, desconhecida por Baez.²²

Cecilio Báez ressaltava o isolamento cultural do Paraguai:

En el Paraguay no había más libros que los de misa, los catecismos y los devocionarios. Jamás hubo aquí prensa política, ni por consiguiente vida política. No se permitía introducir los periódicos extranjeros; los del Río de la Plata se recibían solo por contrabando.²³

Do mesmo modo, afirmava que o povo vivia na mais absoluta ignorância e segregado do mundo civilizado:

El pueblo vivió pues en la ignorancia más profunda, tanto en los dramáticos tiempos del colonaje, como en los muy trágicos de los dictadores nacionales. Segregado del mundo civilizado por la triple barrera de los grandes desiertos territoriales, de la ignorancia de la

¹⁹ Id. ib. p. 121.

²⁰ Id. ib. p. 121.

²¹ Id. ib. p. 126.

²² Cf. PETERS, Heinz. *El sistema educativo paraguayo* desde 1811 hasta 1865. Asunción: Instituto cultural Paraguayo-Alemán, 1996. 347 pp.

²³ BÁEZ, C., in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 122.

lengua castellana y del sistema teocrático-político, implantado por las misiones católicas y por los gobiernos dictatoriales, el pueblo paraguayo ha llegado a ser el más pobre, el más ignorante y el más incapaz para la vida democrática.²⁴

Cecilio Báez era categórico em sua afirmação, utilizando-se de autores como o coronel Juan Crisóstomo Centurión (1840-1909) e do médico francês Alfred Demersay (1815-1891) para descrever a vida em Assunção durante o governo do doutor José Gaspar de Francia (1814-1840) como período de obscuridade e de terror, onde o povo era totalmente dependente do governo, nada fazia além de respeitar e se submeter.²⁵

Destacou o medo constante da população do governo e de seus espíões.

A economia estaria centrada na agricultura, descrita como primitiva e arcaica, com poucos instrumentos. Ela seria completamente controlada pelo Estado francista, assim como o comércio, que se restringia basicamente à cidade de Assunção. Apesar das críticas, Cecilio Báez afirmava que aumentara a produção agrícola e que a população triplicara, passando de 100 para 300 mil pessoas, durante o governo Francia.²⁶ O que era uma contradição, em si, do que propunha.

A tirania no Paraguai: o Francismo

De acordo com Cecilio Báez, a Independência paraguaia não contribuirá para o desenvolvimento do país, já que o povo continuara na escuridão, causada pela educação jesuítica, pela falta de educação, pela língua guarani, pelo despotismo. O despotismo seguira dominando o Paraguai, apesar da tentativa, frustrada de Buenos Aires, em 1811, de “libertar” o Paraguai.²⁷ Ou seja, a tentativa de anexação do país, por Buenos Aires, foi vista como caminho de libertação.

Entretanto, apresentou José Gaspar Rodrigues, após a independência, como o único capaz de conduzir e organizar o novo governo, devido a sua superioridade intelectual e à correspondente inferioridade do povo. Para ele, Francia conseguira rapidamente dominar o governo e impor sua vontade dictatorial.

Segundo Cecilio Baez, os primeiros congressos paraguaios podiam ser caracterizados pela grande participação popular, cerca de mil delegados, anulada pela falta de conhecimento dos mesmos, descritos como analfabetos que sequer sabiam o que faziam. Francia teria manipulado o governo e seus membros, passando pelas Juntas de governo, pelo Consulado até chegar ao cargo de ditador perpétuo. Era o “genio sombrio de la dominación absoluta.”²⁸

O povo teria chorado a morte de Francia, pois vivera na completa ignorância e não percebera que ele era o *verdugo de la patria*. Para o autor, o povo paraguaio era um povo *cretinizado* por secular despotismo e *desmoralizado* por trinta anos de mau governo. O conceito de cretinismo estava associado à ideia da incapacidade intelectual do povo paraguaio de *discernir* sobre o que era bom para si mesmo e à falta de vontade própria. Nessa visão, as elites ilustradas deviam, logicamente, manter o caráter dirigente do país, no lugar dos populares, incapacitados.

²⁴ Id. ib. p. 122.

²⁵ CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias: o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. 4 ed. Asunción: El Lector, 1987. 231 p.; DEMERSAY, Alfredo M. *Historia geral do Paraguay: desde a sua descoberta até nossos dias*. Rio de Janeiro: Perseverança, 1865. 232 p.

²⁶ BÁEZ, C., in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 178.

²⁷ Id. ib. p. 127.

²⁸ Id. ib. p. 128.

A conduta e os abusos dos governantes e funcionários públicos desmoralizavam a sociedade. A educação seria o meio para curar os males sociais, políticos e econômicos.²⁹ Educação em espanhol, que supunha ruptura e rejeição das raízes culturais e históricas do país.

Seguia o autor propondo que o povo vivera apático e não participara da vida política. Em 25 de novembro de 1842, o Congresso Geral Extraordinário, formado por quatrocentos deputados e presidido por Carlos Antonio López, revogara a declaração de independência e formulara outra, segundo a qual o Paraguai não seria patrimônio de uma pessoa ou família. O Congresso de 1844 elegera Carlos Antonio López para a presidência. Seu governo teria sido marcado pela tirania, pela falta de direitos individuais e pela crueldade.³⁰

Segundo Cecilio Báez, os efeitos da tirania prejudicaram muito o povo, que vivia a margem dos acontecimentos, sem capacidade cultural para entender e resistir a ela, como visto. O tirano era aquele que sentia prazer em rebaixar as pessoas. Francia atacara as classes principais, ou seja, proprietárias, e Carlos Antonio López humilhava a todos.

O governo dos López

Carlos Antonio López era definido como homem inculto, tirano, que não participara de legações, concentrara o poder com mãos de ferro, decidindo desde as questões mais simples, como autorizações de vestido de noiva, até as questões complexas, como medidas políticas. Seus ministros eram descritos como fantoches, pois faziam todas as suas vontades.³¹ O ator seguia a visão caricata que Bermejo traçara do país e desconhecia o caráter letrado de Carlos Antonio, que publicara importante obra sobre a independência do Paraguai.³²

Para Baez, durante o governo de Carlos Antonio, apesar da relativa abertura política e econômica, ele controlara o comércio, cobrara altos impostos, monopolizara a indústria e a navegação e abandonara a agricultura. Não construíra nenhuma escola, nem bancos, apenas fazendo prosperar a arte da guerra, construindo arsenais e disciplinando o exército com oficiais brasileiros.³³ Como proposto, realidade em importante contradição com fatos na época de fácil conhecimento.

Aquele governo muito falaria e pouco faria - como exemplo, Cecilio Báez citou as *bolsas* de estudos na Europa, já que, segundo ele, ao retornar, os estudantes não tinham liberdade para praticar seus conhecimentos, servindo apenas aquelas viagens como propaganda.

Francisco Solano López era descrito como a personificação do orgulho, da vaidade, da soberba e da desumanidade. Não receberia conselhos de ninguém, não aceitaria críticas, mandara matar a mãe e 15 mil soldados, não respeitando a vida de ninguém. Para Cecilio Báez, Solano López fora um Nero: sua tirania, a mais horrenda e mais selvagem da história.³⁴ Retomada sem restrições as narrativas apologéticas da

²⁹ Id. ib. p. 103-106.

³⁰ Id. ib. p. 131.

³¹ Id. ib. p. 136.

³² LÓPEZ, Carlos Antonio. *La emancipación Paraguaya*. Asunción: Guaranía, 1942. 312 pp.

³³ BÁEZ, C., in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O'Leary*. Ob. cit. p. 181.

³⁴ Id. ib. p. 139.

Argentina mitrista e da Tríplice Aliança, antes, durante e após a guerra, que diabolizavam Francisco Solano López.

Em seus primeiros artigos, Cecilio Báez aprofundou a discussão sobre o sentido da tirania no Paraguai. Para ele, ela tinha caráter do despotismo oriental, de países muçulmanos ou bárbaros. Ela se caracterizava pelo poder absoluto do soberano sobre o povo: poder de vida e de morte.

Los tiranos del Paraguay no solamente fusilaban sin forma de proceso: también mandaban azotar, torturar a inocentes, por cualquier palabra indiscreta o imprudencia, cargarlos a grillos, despojarlos de sus bienes, confinarlos en el interior del Chaco o mantenerlos en la prisión durante cinco años, diez, quince o veinte años según el capricho del déspota.³⁵

Cecilio Báez afirmava que Francia governara sozinho, sem apoio de nenhum grupo social e que não tivera família. A tese de Estado de um só homem teria larga vida na historiografia sobre o francismo, sendo retomada ainda por historiadores contemporâneos, mesmo acadêmicos. O paradoxal é que os nomes das filhas do ditador perpétuo era de conhecimento geral. Por sua vez, os López teriam se aproveitado para enriquecer todos os seus parentes, que se adonavam das melhores estâncias e exploraram os ervais do Estado. Eram extremamente cruéis, perseguiram e mataram pessoas inocentes, inclusive crianças.³⁶

Em 10 de setembro de 1862, quando Carlos Antonio López morreu, na mesma noite, seu filho Francisco Solano López, na qualidade de vice-presidente nomeado, teria assumido o governo e tratado de estabelecer seu poder. Um Congresso Extraordinário elegera Solano López por unanimidade. Assim que assumiu a presidência Solano mandara prender vários de seus opositores.

A guerra com a Tríplice Aliança

Cecilio Báez era categórico em afirmar que Solano López queria a guerra, que os governos paraguaios anteriores haviam evitado. Afirma que ele se envolvera em assuntos alheios ao Paraguai. Para Cecilio Baez, a guerra entre Uruguai e Império brasileiro não teria relações com o Paraguai - Solano López não teria razões para intervir naquele conflito. O fato que teria iniciado a guerra fora o aprisionamento do navio imperial Marques de Olinda pelo governo paraguaio - propôs Baez.³⁷

Francisco Solano teria manipulado o Congresso para aprovar a declaração de guerra. A população padecera enormemente durante guerra - de oitocentos mil habitantes, apenas duzentos mil teriam sobrevivido. Os prejuízos financeiros e a perda de territórios foram grandes.³⁸

Para Cecilio Báez, era obrigação de um governo civilizado fundar escolas, difundir a instrução pública, em espanhol, entre as massas incultas que ainda viviam longe da “civilização”. O povo deveria saber que essa situação era culpa da tirania dos seus antigos governos, sobretudo de Solano López que, em seu egoísmo e ganância, causara a guerra. Ou seja, como proposto, o governo argentino e imperial eram totalmente absolvidos quando ao início da guerra e ruína do país.

³⁵ Id. ib. p. 140.

³⁶ Id. ib. p. 142.

³⁷ Id. ib. p.145.

³⁸ Id. ib. p. 148.

Conforme Cecilio Báez, desde 1855, quando retornara da Europa, Solano López começara a organizar o país para a guerra, construindo arsenais e canhões em Ybycuí, aumentando o exército e iniciando a construção da ferrovia, em 1859.³⁹ Destaque-se que, nesses anos, governava Carlos Antonio López, sempre cioso de seu poder.

O objetivo de Solano López ao entrar na guerra seria reconquistar territórios usurpados pelos *portugueses*. Ele mesmo teria fomentado manifestações populares com o intuito de apoiar seu objetivo, nos momentos anteriores à guerra. Segundo o autor, qualquer homem comum compreendia que Solano não devia ter intervido no conflito e muito menos provocado a guerra.⁴⁰

Cecilio Báez destaca que o Império do Brasil e a República da Argentina tinham interesse em tirar o governo *blanco* do Uruguai, por isso apoiaram a “revolução” do general Venâncio Flores. Para ele, aquela ação não representava, como proposto, ameaça à independência do Uruguai e nem do Paraguai. A intervenção teria sido uma desculpa dos *blancos* para arrastar o Paraguai à guerra. Proposta que contraditava com a defesa de uma guerra querida por Solano López, desde 1855.

Em 1865, após a invasão paraguaia do sul do Mato Grosso e de Corrientes, Bartolomeu Mitre (1821-1906), da República Argentina, dom Pedro II (1825-1891), do Império brasileiro e Venâncio Flores (1808-1868), então ditador do Uruguai, assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, que tinha por objetivo submeter definitivamente o Paraguai. Para Baez, autores argentinos, como Juan Bautista Alberdi (1810-1884), Juan Carlos Gómez (1820-1884) e Guido y Spano (1827-1918) teriam criticado a política de Bartolomeu Mitre e do Império brasileiro, mas nenhum deles teria defendido o Paraguai.

A partir de silogismo apoiado em premissas arbitrarias, Cecilio Báez propôs que a maior parte da população paraguaia fora exterminada por Solano López: “Parecieron tres cuartas partes de la población, o sea, 600 mil”. A quantidade da população e o número de mortos era uma mera afirmação sua. “Suponiendo que 50 mil hayan sucumbido en los combates y hospitales? Cómo habrán desaparecido los 550 mil restantes?”⁴¹ Ou seja, faltando mais de meio milhão de mortos em sua conta, propõe simplesmente que foram mortos por Francisco Solano López ou devido a ele! Entre as razões para tantas mortes estaria o desejo do presidente paraguaio de acabar com aqueles que pudessem vir a formar um novo governo.⁴²

Solano López foi comparado aos bárbaros, como Atila e Gengiskan, e seria o grande responsável pela morte da maior parte da população paraguaia, através das fugas, dos fuzilamentos, das acusações de traição, da fome e das doenças que assolaram o país, como apenas proposto.⁴³

Solano López não reconhecia os esforços de suas tropas e soldados; mesmo os que lutavam bravamente acabaram acusados de traição e suas famílias teriam sido perseguidas. Para o *mariscal*, todos eram inimigos, até seu irmão e sua mãe.

No final da guerra a situação teria se tornado ainda pior. Solano López mandara recolher meninos acima de 10 anos para servirem como soldados. Cecilio Báez descreveu a terrível história do menino Guarán, de 11 anos, que foi acusado de traição e

³⁹ Id. ib. p.186.

⁴⁰ Id. ib. p.149.

⁴¹ Id. ib. p. 152.

⁴² Id. ib. p. 208.

⁴³ Id. ib. p. 198.

condenado a morte. Sua família foi forçada a renegá-lo e obrigada a assistir sua execução.⁴⁴

Assim como Napoleão e os imperadores romanos, Solano López teria sido cegado por seu despotismo, banhando o país no sangue do povo paraguaio.

O autor volta a defender a necessidade de mais educação para o povo sair do cretinismo, causado pelo despotismo.

Citando a *La guerra del Paraguay*, do coronel George Thompson (1839-1878), ainda sobre a família López, Cecilio Báez, afirma que todos enriqueceram muito rápido, se aproveitaram do Estado e da população de todas as formas possível.⁴⁵ Segundo ele, a população era forçada a trabalhar muito, ganhava pouco e pagava altos impostos e elevados preços pelos produtos. Para fazer uma estátua do pai, Solano López teria arrecadado fundos junto à população, porém não construiu a estátua e também não devolveu o dinheiro.

Durante a guerra, enquanto famílias doavam suas jóias para defesa do país, Elisa Lynch (1835-1886), companheira de Solano López, se apropriara delas e de praticamente todo o tesouro público.⁴⁶ Os López eram o que havia de mais perverso no Paraguai.⁴⁷ Uma crítica que respingava, logicamente, sobre Enrique Solano López, vivendo então no Paraguai.

Em seu texto “Carta a la juventude”, Cecilio Báez defendeu a necessidade de estudar profundamente a história da pátria, para despertar a consciência dos povos. Para ele, o Paraguai nunca conhecera uma revolução no verdadeiro sentido da palavra. O país apenas trocou de amo.

As instituições livres teriam sido descobertas pelos ingleses e aperfeiçoadas pelos norte-americanos. A juventude paraguaia devia estudar a história das instituições livres, principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos:

El gobierno libre es el gobierno de la ley. En el régimen de la libertad, todo acto del gobierno debe ejecutarse conforme a una ley, a una fórmula reglamentaria cualquiera. Todo acto ejecutado fuera de una regla o de la ley, es un acto arbitrario. Desde ese momento desaparece toda garantía para el individuo. Arbitrariedad es lo mismo que despotismo.⁴⁸

Cecilio Báez propunha que era mais importante estudar a história dos Estados Unidos, que era a história do progresso e da liberdade, do que a história dos judeus ou dos índios americanos.⁴⁹ O autor concluiu seu texto dizendo era sua obrigação responsabilizar os tiranos por todos os males que fizeram a pátria.

Os textos de Celílio Báez foram produzidos em linguagem jornalística culta, elegante e de fácil leitura. Ele usava frases curtas e sempre terminava os textos com alguma frase de efeito, sintética e conclusiva, como ensaio “El desenlace de la tiranía La Guerra del Paraguay”:

⁴⁴ Id. ib. p. 214.

⁴⁵ THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay: acompañada de un bosquejo histórico del país y con notas sobre la ingeniería militar de la guerra*. Buenos Aires : Imprenta Americana, 1869.

⁴⁶ BÁEZ, C., in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 219.

⁴⁷ Id. ib. p. 158.

⁴⁸ Id. ib. p. 165.

⁴⁹ Id. ib. p. 165.

Jóvenes compatriotas: considerad que la tiranía fue la causa del embrutecimiento del pueblo, y la causa de todas sus desgracias. Es necesario, pues, educar al pueblo y amar la libertad, para que a la abyección del esclavo, que es la caríatide del despotismo, suceda la altivez del ciudadano, que es el soldado de la libertad.⁵⁰

Era uma forma de reforçar seu tema central, uma espécie de “feixe de ouro”.

Principais ideias de Juan Emiliano O’Leary

Juan E. O’Leary apresentou discurso oposto às ideias de Cecilio Báez, buscando no passado heroico e glorioso reescrever a história e construir uma identidade paraguaia. Em 7 de novembro de 1902, no jornal *La Patria*, de Enrique Solano López, Juan O’Leary publicou o artigo “La juventud universitaria y los intrigantes. La verdad en su punto”, onde respondeu aos textos de Báez sobre “Las pruebas del cretinismo”, afirmando que sua visão serviu para glorificar os traidores e legionários que dominaram o Paraguai no pós-guerra. Do mesmo modo, reafirmou o heroísmo da resistência paraguaia durante a guerra.

Em 20 de novembro de 1902, paralelamente à sequência dos “Recursos de gloria”, Juan O’Leary começou a escrever a série de artigos intitulados “El cretinismo paraguayo”. Tratava-se de resposta explícita ao seu antigo mestre. Juan O’Leary apresentou-se como opositor de Cecilio Báez, pois apesar de não ter vivenciado a terrível guerra, considerava as ideias do autor um insulto à pátria.

Para O’Leary, era inadmissível a ideia de que o povo paraguaio fosse um povo embrutecido, cretino e sem glórias. Em seu primeiro artigo, “Los estudios históricos del Doctor Cecilio Báez”, Juan O’Leary criticou e desqualificou o autor, questionando suas obras, sua mudança de ideias e sua aproximação com a República Argentina.⁵¹

Segundo Juan O’Leary, a imprensa nacional não protestara contra as injúrias de Cecilio Báez. Como apenas o jornal *La Patria* se manifestara através de suas páginas, fora a partir de seu artigos que a polêmica se desenrolara.

Com relação à tirania, Juan O’Leary argumentava que esta forma de governo estava presente em vários países do mundo, inclusive em países liberais com acesso à educação. Sendo assim, a falta de educação não justifica, por ela só, o despotismo.⁵²

José Gaspar Rodrigues de Francia

Segundo O’Leary, o doutor José Gaspar Rodrigues de Francia fora fundamental para a história do país, pois sustentara e protegera a independência e a soberania paraguaia. Segundo ele, o isolamento do Paraguai durante seu governo fora necessário devido à ambição de Buenos Aires, que queria dominar o Paraguai. Para ele, a Argentina era “un vecino poderoso siempre inspira sospechas, sobre todo cuando manifiesta deseos de absorción o conquista como lo manifestaba Buenos Aires que pretendia someter al Paraguay, a todo trance”.⁵³ Sugeriu que aquela ameaça estava ainda viva. Nesse momento, destaque-se, Bartolomé Mitre ainda vivia e os liberais-unitários mantinham-se no governo do país.

Para justificar sua visão, Juan O’Leary utilizou antigos textos de Cecilio Báez, onde ele elogiara a figura do doutor Francia e justificava seus atos. Cecilio Baez escrevera: “La revolución del Paraguay há consistido en su independencia absoluta:

⁵⁰ Id. ib. p. 155.

⁵¹ O’LEARY, J. in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 244.

⁵² Id. ib. p. 253.

⁵³ Id. ib. p.256.

esta es obra del doctor Francia. Para asegurarla en el interior, donde había el partido realista y porteñista, apelo al terror.”⁵⁴

Segundo Juan O’Leary, seu opositor não tinha uma posição consolidada, mudando-as conforme seus interesses, de “velho amigo do tirano, tornou-se [seu] flagelador”. O objetivo era “aparecer”. Por isso no passado criticava duramente a Argentina, para conquistar a população paraguaia.

O’Leary utiliza de citações de Juan Bautista Alberdi para justificar as ações do doutor Francia - a tirania e o isolamento teriam sido necessários para manter a independência. A culpa fora, portanto, de Buenos Aires, que queria dominar o Paraguai.

Juan O’Leary concordava com a proposta de Cecilio Báez quanto ao doutor Francia ser um tirano e déspota que não investira em escolas.⁵⁵ Que, durante a ditadura de Francia, o povo agonizara sob as baionetas do exército.⁵⁶ Seu conhecimento sobre o passado paraguaio era ainda muito limitado.

No frigidar dos ovos, Francia teria sido um verdadeiro monstro, pois a necessidade de manter a independência não justificaria os atos de crueldade praticados pelo tirano.⁵⁷ Nesta questão, o polemista permanecia sob o domínio da retórica do liberalismo portenho. Ao contrário do proposto, como demonstra a documentação histórica, o pequeno exército fundado pelo doutor Francia interpretara os sentimentos das classes plebéias; o ditador inaugura o projeto de ampla escolarização primária masculina; seu governo se destacara pelo escasso uso às execuções, como arma política. Jamais o francismo conhecera a execução de opositores habituais no Prata.⁵⁸

Cecilio Báez afirmava que Francia criara um despotismo civil para manter a independência e Carlos Antonio López, um despotismo militar sem qualquer necessidade. Juan O’Leary contestava essa afirmação. Para ele, o doutor Francia fundara um despotismo militar e Carlos Antonio López fora obrigado a manter o despotismo civil contra os vizinhos, sobretudo a Argentina, que ainda considerava o Paraguai sua província.

O povo

Juan O’Leary reafirmava a bravura, a honra e a coragem do povo paraguaio. Quem conhecesse a história paraguaia e não sentisse orgulho do seu povo seria um miserável com coração de pedra. O povo não era *cretinizado*, participara das transformações que marcaram o país, a primeira delas, a Revolução Comunera. Cecilio Báez não via as ações do povo, pois considerava o povo completamente incapaz e sem vontade.⁵⁹

Juan O’Leary utilizava uma fala de Cecilio Báez, publicada no Jornal *La Democracia*, de 8 de setembro de 1891, para questionar sua mudança de pensamento:

La idea de la independencia ya estaba formulada ... Ya existia en la conciencia del pueblo que, mucho antes de la explosión de las ideas

⁵⁴ Id. ib. p. 262.

⁵⁵ Id. ib. p. 318.

⁵⁶ Id. ib. p. 355.

⁵⁷ Id. ib. p. 357.

⁵⁸ CHAVES, Julio Cesar. *El supremo dictador*. 5 ed. Asunción: Carlos Schauman., 1985. 485 pp.; MAESTRI, Mário. *Paraguai: a República camponesa. 1810-1865*. Porto Alegre: FCM - PPGH UPF, 2014. 250 pp.; WHITE, Richard Alan. *La primera revolución radical de America: La Política económica de la independencia: Paraguay*. Asuncion: 1984. 326 pp.

⁵⁹ O’LEARY, J. in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Lear*. Ob. cit. p. 273.

revolucionarias en Francia, lanzó el grito de libertad y tuvo su revolución de los comuneros y sus triunfos [...].⁶⁰

Onze anos mais tarde, em 1902, Cecilio Báez se contradizia, acusando o povo de cretinizado: “La revolución de los comuneros no fue la explosión de la voluntad del pueblo paraguaio.”⁶¹

Entre os principais pontos criticados por Juan O’Leary estava à ideia defendida por Cecilio Báez de que o domínio dos *legionários* teria sido algo positivo ao Paraguai. Os *legionarios* teriam sido a espinha dorsal do liberalismo paraguaio :

Oh! Los legionários! Quedáis justificados! Vosotros fuistes los precursores del doctor Báez, los maestros del apóstol, vosotros fuisteis los primeros civilizadores del Paraguay! Bailad y ayo. [...] El despotismo concluyó con aquella insurrección local y el pueblo paraguayano continuó su vida de oscuridad y quietismo.⁶²

Propunha, no mesmo sentido:

[...] bebed, que estais justificados ante la historia, que el pueblo aplaude al que los defiende, y hasta algunos de los bárbaros sobrevivientes le aplauden también, alborozados, como diciéndole: “Tenéis razón, fuimos unos bárbaros, peleamos pela barbárie e caímos bajo el peso de la civilización.”⁶³

Em tom irônico, Juan O’Leary afirma que Solano López recebera cinco anos de lições de “amor, humanidade e generosidade” durante a guerra. Fora uma amostra da civilização defendida por Cecilio Báez e pelos *legionários*.⁶⁴

Com objetivo de provar suas ideias e interpretações, O’Leary utiliza-se dos principais autores citados por Cecilio Báez, entre eles, Juan Bautista Alberdi, Jorge Thompson, Crisóstomo Centurión e Melchor Pacheco y Obes.

Juan Bautista Alberdi (1810-1884) natural de Tucumán, Argentina, foi político, jurisconsulto e escritor. Ao longo de sua vida, publicou inúmeras obras de Direito, Política, Filosofia e Economia sobre a bacia do Prata e também sobre a América do Sul, incluindo o Brasil. Ele foi certamente o principal intelectual federalista, quando da Guerra Grande.

De acordo com Juan O’Leary, Juan Bautista Alberdi não tinha conhecimento suficiente para criticar o Paraguai, pois não conhecia o país e por isso não podia ser usado como referencia por Cecilio Báez.⁶⁵ Nesse momento, O’Leary não conheceria igualmente muito bem a Alberdi, o grande defensor externo do Paraguai, quando da guerra.

Lembrava que o engenheiro inglês Jorge Thompson (1839-1878) - ele fora membro do exército paraguaio, ao qual servira com dedicação e distinção -, afirmara que apesar do egoísmo de Carlos Antonio López, seu governo fora comparativamente

⁶⁰ Id. ib. p. 276.

⁶¹ Id. ib. p. 276.

⁶² Id. ib. p. 276.

⁶³ Id. ib. p. 292.

⁶⁴ Id. ib. p. 293.

⁶⁵ Id. ib. p. 300.

bom para o Paraguai, garantindo a vida e a propriedade. Para Thompson, o povo paraguaio teria sido o mais feliz da terra sob o governo de Francia. O coronel inglês teria elogiado o governo López e o Paraguai.⁶⁶

Juan Crisóstomo Centurión (1840-1909) foi jornalista, professor, tradutor e político paraguaio. Quando estudante, viajou como bolsista paraguaio à Europa. Ao retornar ao país, integrou o governo e participou da guerra contra a Tríplice Aliança, combatendo até Cerro Corá, onde foi gravemente ferido. Após a guerra, foi levado como prisioneiro para o Rio de Janeiro, partindo depois para a França, Estados Unidos, Cuba e Jamaica. Retornou ao Paraguai em 1878, onde participou da fundação da Associação Nacional República (partido Colorado) e do Instituto Paraguaio.

Juan Crisóstomo Centurión escreveu *Memorias o reminiscencias historicas sobre la Guerra del Paraguay*, trabalho paradigmático sobre o conflito, publicado, em diversos tomos, em Buenos Aires, de 1894 a 1897. Quando do debate, seu livro e o de Thompson seriam as principais obras historiográficas sobre a guerra.

Segundo Juan O’Leary, Centurión teria afirmado que Carlos Antonio governou com imparcialidade, sem paixões, geralmente em forma moderado, com exceção de alguns atos violentos, tendo sido o governo que mais fizera pelo país. Comparado ao governo do doutor Francia, segundo aquele autor, sua administração fora de prosperidade.⁶⁷

Melchor Pacheco y Obes (1809-1855) natural de Buenos Aires, militar e político, membro do Partido Colorado, teve grande participação na política da Banda Oriental, lutando contra o expansionismo do Império do Brasil. Fora ministro da guerra, em 1843, organizando a defesa de Montevideú contra o sítio das tropas de Manuel Oribe. Durante a Guerra Grande oriental e, em 1853, apoiou o golpe de Estado de Venâncio Flores.

O general Melchor Pacheco y Obes foi tido como o autor do ensaio *El Paraguay, lo que fue, lo que es y lo que será*. Nesse livrinho, publicado em 1848, no Rio de Janeiro, “bajo los auspicios de la legación del Paraguay en la corte del brasil”, relata-se a um comerciante imaginário do Rio de Janeiro como estivera o Paraguai sob a ditadura francista e como se encontrava sob a administração de Carlos Antonio López, fazendo prognósticos sobre o futuro do país. Andrés Gill, alto funcionário do governo de Carlos Antonio López, foi tido, igualmente, como o autor do trabalho. Mais possivelmente, a obra deve-se a Juan Andrés Gelly, um furibundo defensor das medidas liberais. Gelly fora auxiliar de Carlos Antonio e embaixador do Paraguai no Rio de Janeiro, durante diversos anos.

São pontos centrais do livrinho as afirmações de que Carlos Antonio López fora eleito por unanimidade; que dividira e regularizara os poderes; que dera prioridade aos interesses do povo; que fora delicado e suscetível para com os estrangeiros; que teria tido grande qualidades morais.⁶⁸

Com relação ao povo paraguaio, nenhum dos quatro autores citados por Cecílio Baez, como lembrava Juan O’Leary, falava de bárbaros, de bestas, de negros de fazendas e muito menos de cretinos. Esses termos teriam sido utilizados abusivamente por Cecilio Báez para afrontar o povo paraguaio.

O governo de Carlos Antonio López

⁶⁶ Id. ib. p. 300.

⁶⁷ Id. ib. p. 303.

⁶⁸ Id. ib. p. 309.

Segundo O’Leary, durante o Congresso de 1844, Carlos Antonio López defendera a necessidade de mudanças graduais para garantir a liberdade e os direitos do povo. Para ele, o caminho de liberdade devia ser construído aos poucos, sem sobressaltos. Era necessário um governo forte para manter a ordem, a liberdade e a política.⁶⁹ Em verdade, naquele momento, não se discutia apenas sobre o passado.

A idéias políticas dos polemistas, sobre o presente, se expressavam, na discussão da história do país. Enquanto Cecilio Baez propunha como salvação do país um governo liberal extremado, O’Leary olhava com simpatia o *autoritarismo ilustrado*.

O’Leary propõe que, em 26 de agosto de 1845, Carlos Antonio criara um exército permanente, formado pela guarda nacional e as guardas auxiliares. O que era incorreto, já que o exército fora fundado pelo doutor Francia, como vimos. Para Juan O’Leary, a criação de um exército e o fortalecimento do despotismo de Carlos Antonio López eram justificáveis, devido à necessidade de lutar contra os inimigos externos. López não seria a continuação de Francia e ele não participara nos conflitos da América Platina pois, para o Paraguai, o que interessava era manter a independência, sendo o inimigo Juan Manuel Rosas ou Justo José Urquiza.⁷⁰

O’Leary afirmara que o controle do Estado sobre a produção e os impostos era algo necessário para organizar e desenvolver o país. Como os impostos eram poucos, fora necessário à criação do estanco da erva mate para aumentar a renda pública. O estanco teria beneficiado a população paraguaia, pois ao invés de pagar inúmeros e injustos impostos, como na época de Francia, ela pudera adquirir a erva do Estado por um preço melhor.⁷¹ Um outro registro de desconhecimento dos fatos pregressos, pois o governo de Francia se destacara pela desoneração da população, em relação aos tributos, encargos e impostos.

Dom Carlos não teria imposto contribuições de caráter bárbaro - segundo o jovem polemista. O dizimo só era cobrado em época de muita abundância. Sua administração melhorara as condições de vida do povo, contribuindo para manutenção da fortuna privada através de empréstimos, protegendo a agricultura, a indústria e o comércio. O Paraguai teria sido o país mais respeitado da América e Cecilio Báez faltaria descaradamente com a verdade histórica, por ignorância ou má fé.⁷²

Quando às escolas e instituições de ensino, não era possível fazer comparações entre o período de López e Francia, pois as mesmas não existiam no tempo de Francia, segundo O’Leary.⁷³ Carlos Antonio tivera por objetivo melhorar a instrução pública, criando novas escolas e trazendo professores de fora do país. O que não fora possível devido aos embargos da navegação causados pela política de Buenos Aires. Mesmo assim, foram criadas escolas primárias e cátedras de Latinidade e Filosofia.⁷⁴

No tempo de Carlos Antonio, a quantidade de escolas seria insuficiente, mas trataria-se da maior quantidade que o Paraguai tivera até então. As aulas seriam de boa qualidade. Na Academia, os alunos estudariam Filosofia, Gramática, Lógica, História Sagrada, História Profana, Cosmografia, Geometria, Literatura, Moral, Catecismo Político, Direito Civil, Francês e composições literárias. Utilizando como referencia texto do jornalista e político paraguaio Manuel Dominguez, Juan O’Leary afirmava que

⁶⁹ Id. ib. p. 315.

⁷⁰ Id. ib. p. 364.

⁷¹ Id. ib. p. 376.

⁷² Id. ib. p. 386.

⁷³ Id. ib. p. 319.

⁷⁴ Id. ib. p. 322.

a Escola Normal teria em torno de trezentos alunos e não cinquenta, como afirmara Cecilio Báez.⁷⁵

O envio de jovens para o exterior teria por objetivo formar a juventude paraguaia. O intercâmbio era longo, podendo durar até quatorze anos, mas Carlos Antonio López o julgava necessário devido à situação em que o Paraguai se encontrava após a morte de Francia.⁷⁶ Todos os jovens que estudaram no exterior teriam sido aproveitados pelo governo López, atuando em cargos importantes do governo, como ministros, secretários e encarregados de assuntos exteriores.

E não seria verdade a afirmação de que Carlos Antonio López não delegava cargos elevados ou que só beneficiasse o filho Solano López.⁷⁷

Para Juan O’Leary, o governo Carlos Antonio López se preocupava, sim, com a educação, existindo subsídios para as 408 escolas públicas e 16.755 alunos, fora os de escolas particulares.⁷⁸ Citando carta de Gregorio Benítez, afirmava que mais de 50% da população sabia ler e escrever antes da guerra.⁷⁹

Conforme a polêmica foi se desenrolando, Cecilio Báez acusava Juan O’Leary de ser defensor dos tiranos, o que O’Leary negou, lembrando que sua mãe sofrera muito com a tirania e o ensinara a detestar o despotismo. Juan O’Leary afirmava defender o povo paraguaio contra a afirmação de cretinismo:

Decir que las tiranías se sucedieron solo por el cretinismo del pueblo, que lleno de infelicidad y abyección nuestro pasado; negar a éste la paternidad y la gloria de la revolución de los comuneros; decir que iba a morir a las batallas, no por amor pátrio, sino a latigazos, como los bárbaros de la Mongolia; justificar, en fin, la actitud de la Triple Alianza, no es atacar la tiranía, es injuriar a nuestra nacionalidad, es escarnecer a la víctima de los tiranos, que aún bajo la férula del despotismo supo defender su hogar y caer con gloria, asombrando al mundo por su heroísmo.⁸⁰

O povo paraguaio não era selvagem e nem cretino, cumprira papel heróico na história.

A guerra da Tríplice Aliança e a República do Paraguai

Sobre a guerra da Tríplice Aliança e a República do Paraguai, Juan O’Leary iniciou uma investigação mais aprofundada, abordando o contexto da América platina e as razões complexas da guerra. Iniciou sua análise pelo Uruguai.

Lembrou que, em 1º de março de 1860, a presidência da República Oriental do Uruguai fora ocupada por Bernardo Prudencio Berro. Bartolomeu Mitre enganara Berro, agindo como amigo para ganhar sua confiança, mas tramara com o Império a sua derrubada. Quando Bernardo Berro se sentiu seguro e colocou seus soldados de prontidão, o general Venâncio Flores, com o apoio de Bartolomeu Mitre e de Pedro II, invadiu o Uruguai, desde Buenos Aires, e ocupou o Rincão das Galinhas.⁸¹

⁷⁵ Id. ib. p. 326.

⁷⁶ Id. ib. p. 331.

⁷⁷ Id. ib. p. 349.

⁷⁸ Id. ib. p. 338.

⁷⁹ Id. ib. p. 348.

⁸⁰ Id. ib. p. 343.

⁸¹ Id. ib. p. 406.

O apoio do Império do Brasil não era inicialmente oficial. Publicamente se dizia neutro, mas, secretamente, fornecia armas, dinheiro e munições para Venâncio Flores. Após cinco meses, a *revolução* de Venâncio Flores ainda não se instalara, forçando a imprensa argentina, sobretudo *La Nación Argentina*, a iniciar uma campanha para fomentar a opinião pública contra a República Oriental e contra o República do Paraguai.⁸²

Juan O’Leary afirmava que Bernardo Berro queria uma negociação com dois árbitros, um deles seria Solano López, mas que o Império não aceitara, já que queria *mediar* sozinho o conflito no qual tinha interesse: “[...] era la vez primera que los incendiarios formaban compañía de bomberos.”⁸³

O autor defendia a ideia de que o Império do Brasil, desde o princípio, tinha por interesse dominar a República do Paraguai, usando o pretexto do assassinato de cidadãos imperiais na Banda Oriental para entrar oficialmente no conflito contra a República do Uruguai. Do mesmo modo, a missão do conselheiro José Antônio Saraiva não teria por objetivo a paz, mas encontrar uma razão para romper as relações com a República Oriental.⁸⁴

Juan O’Leary avançava importantes questões históricas sobre o início da guerra, não tocadas por Cecílio Baez. O Império entrara no conflito, pois tinha interesses próprios, entre eles, intervir e determinar a realidade da bacia do Plata. Por sua posição geográfica, o Paraguai dependia de Montevideú para ter acesso ao mundo exterior. O governo paraguaio teria percebido que a intervenção imperial no Uruguai era uma ameaça à sua independência - desse modo a ação em prol do Uruguai fora defensiva e conservadora.

De acordo com Juan O’Leary:

Montevideo iba a caer, nuevamente, en las manos de su antiguo señor, como cuarenta y cuatro años antes. El Paraguay estaba condenado a morir de hambre, a agonizar en la miséria, aislado, como en la dictadura, si los brasileños se enseñoreaban en la Banda Oriental. Pensad en lo que sería de nosotros si hoy mismo se clausurara el puerto de Montevideo, siéndonos hostil el gobierno argentino.⁸⁵

Solano López teria tentado evitar a guerra, oferecendo-se como mediador do conflito e enviando nota ao ministro das relações exterior do Império, Sauvan Vianna de Lima, pedindo que não invadissem o Uruguai, o que de nada adiantou.

Conforme Juan O’Leary, o Império do Brasil era como um parasita que explorava o solo do Prata, envolvendo-se em contendas com quase todos os seus vizinhos - o Uruguai, a Bolívia, a Venezuela e o Paraguai. Fora contrário a qualquer

⁸² Id. ib. p. 407.

⁸³ Id. ib. p. 408.

⁸⁴ Id. ib. p. 411.

⁸⁵ Id. ib. p. 421.

república que viesse a se estabelecer na região.⁸⁶ O Prata e o Paraguai foram sempre o pesadelo do Império: o Prata, por suas províncias rebeldes promotoras de novas ideias; Paraguai por ser a chave de comunicação com o Mato Grosso.⁸⁷ A política do Império do Brasil era expansionista, seguindo os moldes da Roma antiga: manipular, fazer aliados por interesses e depois dividir para conquistar.

Por um desses paradoxos da história, a principal referencia utilizada por Juan O’Leary na discussão das razões gerais da guerra foi a de um autor brasileiro, Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), natural de Caxias, no Maranhão, crítico acerbo da ação do governo do Império do Brasil no Uruguai e no Paraguai. Teixeira Mendes, positivista ortodoxo, criticara nas “páginas 93 a 138, da primeira edição da biografia” de Benjamin Constant (1836-91), prócer do movimento republicano, publicada em 1893, “o intervencionismo imperial no Uruguai e Paraguai”, em forma sistemática e sintética.⁸⁸ O revisionismo paraguaio recebia, assim, um forte impulso da crítica do revisionismo histórico brasileiro, que pouco progrediria na grande nação, ao contrário do que ocorreria no país derrotado.

Teixeira Mendes assinalara as intrigas do Império, as tentativas de mediação de Solano López; o problema dos limites; as relações entre Uruguai e o Paraguai; a invasão do Uruguai querida pelo Império, e impugnada pelo Paraguai, como a grande razão da guerra; o alinhamento da Argentina e do Império desde Montevideú contra o Paraguai.⁸⁹ Bem ou mal, a partir de estudo historiográfico de indiscutível rigor, O’Leary apontava para a discussão de questões históricas fundamentais. Distanciava-se substancialmente de seu oponente, no que se refere a uma interpretação mais objetiva do passado paraguaio,

O’Leary lançou mão, igualmente, de um outro brasileiro, o poeta, polemista e historiador paulista Alberto Souza (1870-1927), ex-positivista ortodoxo, que rompera com aquele movimento, sem deixar de participar da crítica intransigente à guerra contra o Paraguai, que explicava como fortemente devida aos interesses dinásticos da monarquia brasileira. Em 1899, ele publicara o livro *Brasil-Paraguay*, reunindo artigos sobre o tema publicados em jornal da cidade de Santos.⁹⁰

Juan O’Leary citou também o autor brasileiro Raúl do Nascimento Guedes onde afirmara que se a política do Império tivesse sido diferente, de fraternidade, como exigiam os positivistas ortodoxos, os quatro povos não chorariam simultaneamente.⁹¹ Raul do Nascimento Guedes era positivista ortodoxo e membro da Comissão Benjamin Constant, que, entre outras iniciativas, fizeram oposição à guerra com o Paraguai e defenderam a devolução dos troféus de guerra e a extinção das dívidas do Brasil com o Paraguai.⁹²

⁸⁶ O’LEARY, J. in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p.426.

⁸⁷ Id. ib. p. 428.

⁸⁸ MAESTRI, Mário. Os Positivistas Ortodoxos e a Guerra do Paraguai. MAESTRI, Mário. *A guerra no papel*. Ob.cit. p. 15-42.

⁸⁹ Cf. MENDES, R. Teixeira. *Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira*. 2 ed. Do 1º vol. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1913.

⁹⁰ SOUZA, Alberto. *Brazil-Paraguay: a propósito da restituição dos trophéus*. Apreciação histórica e philosophica da campanha contra o Paraguay. s.l.: [Companhia Industrial], 1899. 161 p.

⁹¹ Id. ib. p. 450.

⁹² MAESTRI, Mário. Os Positivistas Ortodoxos e a Guerra do Paraguai. MAESTRI, Mário. *A guerra no papel*. Ob.cit. p. 47-50.

Sob a proteção dos positivistas ortodoxos, nasceu organização patriótica de paraguaios, no Rio de Janeiro, o *Centro Paraguai*, presidido por Leonardo S. Torrents, para defender aquelas propostas. No mesmo ano, o Centro publicou *Dívidas e trophéos paraguaios*: e a propaganda no Brasil. O livro trazia farta documentação sobre o conflito, sobre a dívida, sobre os troféus e registrava a forte influência do Apostolado Positivista na ação dos paraguaios residentes no Brasil.⁹³

Conforme Juan O’Leary, a política argentina era contrária ao Paraguai e estava em aliança com os interesses do Império do Brasil. Como exemplo, lembrava que, em janeiro de 1865, a Argentina negara pedido das tropas paraguaias para cruzarem seu território e afirmara ter sido agredida sem declaração de guerra pelo Paraguai. O que não seria correto, pois em 29 de março de 1865, o tenente Ceferino Ayala fora encarregado de elevar à Argentina a declaração de guerra paraguaia. Ele fora preso por forças argentinas e não concluíra oficialmente sua missão.⁹⁴

Crítica às ideais de Juan O’Leary

O jovem Juan O’Leary, que se inaugurava na polêmica aberta, escreveu textos longos onde aprofundou, justificou e argumentou suas ideias. Ao longo dos textos foi citando e contrapondo as ideias de Cecilio Báez. Entretanto, Cecilio Báez, intelectual e político mais velho e reconhecido em nenhum dos seus artigos citou o nome de Juan O’Leary.

Juan O’Leary apresentou posição oposta à visão de Cecilio Báez. Sobre o Paraguai após a independência, afirmou o papel do doutor José Gaspar Rodrigues de Francia como fundador da nacionalidade paraguaia e que a tirania fora necessária devido à ambição dos países vizinhos. Concordou, porém, com Cecilio Báez, sendo ainda mais duro nas críticas ao *despotismo*, definindo Francia como monstro cruel e tirano. Acreditamos que, nessa rejeição, encontrava-se imbricada, igualmente, a desconfiança de O’Leary ao caráter plebeu do francismo.

O povo paraguaio foi descrito como corajoso e heroico, por suas lutas e por sua história. O’Leary combateu veementemente à proposta de Cecilio Báez do cretinismo do povo paraguaio que sofrera devido à Guerra com a Tríplice Aliança, mas que vivera, antes, feliz, principalmente durante o governo de Carlos Antonio López. A guerra era, portanto, a grande razão das infelicidades paraguaias. Seria, assim, um divisor de águas. Os responsáveis seriam a Argentina, o Império do Brasil, os *legionários*.

Sobre a educação, Juan O’Leary afirmara a existência de escolas no período de Carlos Antonio e que cerca de 50% da população saberia ler e escrever. Foi injusto com o doutor Francia, propondo que se despreocupara com a escolarização do país. Desse modo, a falta de escolas não justificava o conceito de cretinismo.

⁹³ Cf., entre outros: MAESTRI, Mário. Os Positivistas Ortodoxos e a Guerra do Paraguai. MAESTRI, Mário. *A guerra no papel*. Ob.cit. [Apostolado Positivista do Brasil]. “A realização de um voto de Benjamin Constant”. snt.; LEMOS, Miguel. À nossa irman: a República do Paraguai. Apostolado Positivista do Brasil, nº 148, Rio de Janeiro, Capela da Humanidade, 1894, 6 pp; LEMOS, Miguel. Pela fraternidade sul-americana e especialmente no que concerne às relações do Brasil e da Argentina com o Uruguai e, sobretudo, o Paraguai. Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro: Templo da Humanidade, 1910. TORRENS, Leonardo G. *Dívida e trophéos paraguayos*: e a propaganda no Brasil. Contendo alguns documentos e factos pouco conhecidos no Brasil. Rio de Janeiro: Montenegro, 1899. 240 pp.

⁹⁴ O’LEARY, J. in YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob. cit. p. 463-464.

Carlos Antonio López foi descrito como um bom governante, que investiu no desenvolvimento do país, criando um exército para manter a independência e não para impor a barbárie como apontado por Cecilio Báez. Também nesse relativo, registrou seu desconhecimento do período francista, quando se formara, nos fatos, o exército paraguaio.

O principal avanço de Juan O’Leary foi referente ao estudo na Guerra da Tríplice Aliança. Apoiado fortemente na produção revisionista dos positivistas ortodoxos brasileiros e na abordagem de novas fontes, empreendeu uma análise mais aprofundada sobre as razões da guerra. O’Leary rompeu com a visão formalista e ideológica de Cecilio Báez onde a guerra era culpa unicamente da vontade de Solano López e resultado de um despotismo histórico paraguaio.

O’Leary apresentou o contexto da América Platina como um dos grandes motivos da guerra. Os interesses particulares e *imperialistas* da Argentina, de Bartolomeu Mitre, e do Império do Brasil, de dom Pedro II, teriam sido os verdadeiros responsáveis pelo início do conflito, atacando, primeiro, o Uruguai e forçando a intervenção paraguaia. Solano López tentara intermediar a paz entre Império e Uruguai, mas o Império não aceitou.

Para Cecilio Báez, o conflito no Uruguai não tinha nenhuma relação com o Paraguai. Para Juan O’Leary, fora necessário defender a independência do Uruguai que estava em risco pois, após aquela República, o próximo na lista da Argentina e do Império seria o Paraguai.

Através de suas leituras, Juan O’Leary analisou a política do Império do Brasil caracterizando-a como um parasita que explorava o solo do Prata. A política Argentina seria de dominação, tendo em vista que nunca aceitara a independência do Paraguai.

Considerações gerais

A polêmica entre Cecilio Báez e Juan O’Leary foi um momento importante na reflexão e análise sobre a história do Paraguai. Antes, durante e depois dela, os dois autores mudaram e mudariam suas visões históricas. Cecilio Báez, de crítico da Argentina e das forças *legionárias*, se tornou defensor das mesmas. Juan E. O’Leary, de crítico de Solano López, se tornou seu defensor incondicional.

Ao longo dos seus artigos, Juan O’Leary aprofundou sua pesquisa, utilizando as fontes citadas por Cecilio Báez e outras novas, com destaque para alguns escritores brasileiros *revisionistas*, como Teixeira Mendes, Raúl Guedes, Alberto Souza. Os dois primeiros, membros do Apostolado Positivista Brasileiro; o segundo, sob a influência daquele movimento. Eles fariam parte, possivelmente, da muito rica biblioteca de Enrique Solano López, que hoje se encontra depositada na Biblioteca Nacional de Asunción. O’Leary apresentou razões mais concretas para a guerra, como os interesses regionais do Império do Brasil e da Argentina, e não o mero desejo soberano de Francisco Solano López, embriagado por ambição de glórias ou conquistas.

A visão de Cecilio Báez sobre o povo paraguaio era preconceituosa, algo comum na época. Via o país como o mais atrasado da América, devido às “tirantias” que

conhecera e, sobretudo, pela cultura, língua e raça *guaranis*. Devido a isso, sofreria de “pelo cretinismo”, não tendo capacidade de discernimento entre o certo e o errado.

Cecilio Báez buscou através de seus textos justificar a necessidade de mudanças na sociedade paraguaia do pós-guerra através da educação, pois a falta desta, e jamais a guerra, suas sequelas e os responsáveis pelo conflito seriam os motivos das misérias do país. Pensador e líder liberal pró-argentino, interessava-lhe inocentar de todos os pecados a Argentina mitrista, antes, durante e após o conflito. Sua visão repetia a mitologia das tropas aliancistas vencedoras da guerra. O conflito e o sofrimento do povo paraguaio devia-se unicamente a Solano López, como proposto.

Cecilio Báez afirmava que não havia nada de bom no Paraguai antes da guerra. Seus governantes e seu povo eram a personificação da barbárie, sem escolas, sem liberdade, sem justiça. A civilização chegara ao país graças à guerra com a Tríplice Aliança, onde os tiranos foram depostos e o povo conheceu enfim a civilização e a felicidade, subentendido como o modelo liberal de sociedade. No frigidar dos ovos, perder a guerra fora um bem, e não um malefício. Ele se tornava, assim, uma espécie de ideólogo do *legionarismo*. O futuro do país dependeria de escola, de educação, de superação das raízes culturais e de instituições liberais.

Uma Guerra Sem Fim

Em seu estudo preliminar à recopilação da polêmica, a historiadora argentina Liliana M. Brezzo propõe o choque de duas formas antagônicas de história: **história patriótica**, defendida por Juan E. O’Leary, que ressaltava os heróis e não fazia questionamentos, defensores do antigo regime, “de cérebros atrofiados pela palmatória do despotismo”. E uma **história sincera**, defendida por Cecilio Báez, mais realista e sensata, defensora do novo regime - liberal - e ávida por respirar o ar da liberdade e do progresso.⁹⁵

Parece-nos que a leitura simpática da visão liberal de Cecilio Báez obscurece os indiscutíveis avanços, nas suas contradições, do olhar de Juan O’Leary, sobre o passado, em boa parte, como propomos, apoiado na leitura revisionista dos positivistas ortodoxos brasileiros, que apoiavam sua crítica à política imperial essencialmente nos documentos oficiais do próprio Império. Acreditamos, também, que, além das influências conjunturais de partidos e movimentos políticos de então, impõe-se para compreender aquela polêmica, perscrutar os segmentos sociais que os polemistas interpretavam, bem ou mal.

Creemos que o desdobramento do debate explica o amplo apoio e boa recepção das ideias de Juan O’Leary, indiscutível vencedor da polêmica. Ele negava a visão aliancista, oficial no período pós-guerra, imposta inicialmente pela força das armas, na procura de uma leitura *nacionalista* que valorizasse a história do povo, das lideranças e sobretudo dos combatentes paraguaios que haviam lutado na guerra de resistência ao invasor. Sobretudo, apontava para a Argentina mitrista e o Império do Brasil como responsáveis pelo conflito. Interpretava, assim, os segmentos sociais que haviam participado da resistência ao invasor ou que colocavam-se na ótica dos mesmos.

Apesar da visão positiva de Solano López, Juan O’Leary não exagerou em suas afirmações, pesquisando em fontes oficiais e consultando autores credíveis. Serviu-se fortemente da reflexão sistemática sobre as origens da guerra realizada sobretudo por Raimundo Teixeira Mendes e os positivista ortodoxos brasileiros, como proposto.

⁹⁵ BREZZO, LILIANA M. *En el mundo de Ariadna y Penélope: hilos, tejidos y urdimentos del nacimiento de la historia en el Paraguay*. [...]. YEGROS, R. e YEGROS, S. *Cecilio Báez e Juan E. O’Leary*. Ob.cit. p. 13-65.

Apesar dos limites e imperfeições de sua apresentação histórica, realizando uma investigação mais extensa e mais complexa, conseguiu contrapor-se com sucesso às ideias de Cecilio Báez, fazendo avançar, em um processo contraditório, o conhecimento historiográfico sobre o passado no Paraguai.

Artigo recebido: 19 de marzo de 2016

Artigo aceito: maio 2016

Publicação: julho 2016.